

JUSTIFICATIVA

Sérgio Vieira de Mello

Nascido no dia 15 de março de 1948, no Rio de Janeiro, Vieira de Mello, fluente em inglês e francês, estudou Filosofia na Universidade de Paris e obteve títulos de doutorado em filosofia e ciências sociais pela Sorbonne. Em 1969, quando ainda estudava, começou a trabalhar no Acnur (Alto Comissariado da ONU para Refugiados), exercendo cargos em Bangladesh, Sudão, Chipre, Moçambique e Peru.

O diplomata era representante da ONU desde 1969 e chefiou a missão da organização no Timor Leste. Antes disso, ele liderou interinamente a operação da ONU em Kosovo.

A maior parte da carreira do diplomata se desenvolveu no Gabinete do Acnur, em Genebra (Suíça).

Vieira de Mello era desde julho de 2002 Alto Comissário para os Direitos Humanos da ONU, e tinha uma longa experiência em assuntos humanitários.

Foi o principal assessor da Força das Nações Unidas no Líbano entre 1981 e 1983, no momento da invasão israelense. Depois, ocupou vários cargos de direção no Acnur em Genebra, antes de dirigir, em 1994, a Força de Proteção a Civis da ONU (Forpronu) para a antiga Iugoslávia, no momento mais crítico da guerra na Bósnia.

Após o genocídio em Ruanda, Vieira de Mello foi, durante alguns meses de 1996, coordenador humanitário para a região dos Grandes Lagos, no Leste da África, e depois, nomeado alto comissariado adjunto para os refugiados.

Em 1998, Vieira de Mello foi nomeado para dirigir o escritório de Assuntos Humanitários da ONU.

Defendeu com entusiasmo a ação da ONU no Timor Leste, após a votação maciça da população em favor da independência do território. Em outubro de 1999, foi nomeado administrador do Timor Leste, com a tarefa de reconstruir o território devastado pela guerra.

Em junho do mesmo ano, o diplomata brasileiro já havia sido convocado por Annan para administrar provisoriamente Kosovo, imediatamente após a entrada das tropas da Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e da partida dos sérvios nos Balcãs.

Foi escolhido em maio de 2003, pelo Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan, como seu representante especial para o Iraque por um período inicial de quatro meses.

O diplomata brasileiro Sérgio Vieira de Mello, de 55 anos, morreu no dia 19 de agosto de 2003, no atentado ao prédio da ONU em Bagdá. O escritório onde ele trabalhava foi atingido pela explosão provocada por um carro-bomba. Vieira de Mello estava em Bagdá desde o final de maio, quando foi nomeado representante especial das Nações Unidas no Iraque. A principal tarefa do diplomata era ajudar a definir a política das Nações Unidas para o Iraque no pós-guerra.

Oscar Pedrosa Horta

Oscar Pedrosa Horta, nasceu em São Paulo em 1908. Advogado formado em 1930 pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco (São Paulo), participou intensamente da Aliança Liberal, movimento organizado em 1929 em favor da candidatura de Getúlio Vargas à sucessão presidencial nas eleições de março de 1930. A derrota de Vargas, seguida pelo assassinato de João Pessoa, que era candidato a vice-presidente na chapa aliancista, culminou

com a revolução desencadeada pelos gaúchos e que levou Getúlio a tomar o poder, em novembro de 1930. Pedroso Horta foi então nomeado diretor da Guarda Civil e delegado de trânsito do Estado de São Paulo, cargos que ocupou até 9 de julho de 1932, quando foi deflagrada a Revolução Constitucionalista. Nesta, colocou-se a favor do poder central, que esmagou o movimento.

Logo em seguida Pedroso Horta afastou-se da política e montou seu escritório de advocacia na capital paulista, permanecendo à frente dele até 1957.

Após o golpe militar de 1964 Oscar Pedroso Horta se destacou por sua luta, à frente do então MDB, em favor do restabelecimento das liberdades individuais e do estado de Direito no País, tendo sido reconhecidamente um dos principais responsáveis pela reunificação das alas "radical" e "moderada" do Partido, surgindo em torno de sua respeitável figura o chamado "grupo dos autênticos".

Oscar Pedroso Horta filiou-se ao MDB, elegendo-se pela primeira vez deputado federal por São Paulo em novembro de 1966. Durante este seu mandato ficou conhecido pelas críticas agudas que assumiu perante o regime militar e pela incansável defesa das causas liberais. Na sessão de reabertura do Congresso Nacional, em outubro de 1969 - depois de 10 meses de recesso por conta do Ato Institucional nº 5 (AI-5) -, Pedroso Horta fez violento discurso condenando a junta militar que assumira o poder quando do adoecimento do presidente Artur da Costa e Silva, impedindo assim a posse do vice-presidente Pedro Aleixo. Referindo-se ao AI-5, ele afirmou que o governo, com aquele instrumento de exceção, chegava às raias do absurdo ao negar "a alguns dos melhores homens do País os direitos de defesa que eram garantidos até mesmo ao parricida, ao ladrão e ao estuprador".

Em maio de 1972 Pedroso Horta sofreu uma isquemia cerebral e licenciou-se do cargo que ocupava na Câmara. Reassumiu o mandato em 20 de setembro, mas afastou-se definitivamente dois dias mais tarde, por problemas de saúde. Ele faleceu em São Paulo no dia 16 de novembro de 1975.